Prosa na Janela: “Um Plano de Amor”, por Roberto dos Santos

Por **Roberto dos Santos**
Publicado em 09/03/2020, 13:29 - Atualizado em 10/03/2020, 14:49



Roberto Santos, 49 anos, nascido em Dores de Guanhães, chegou ao Distrito Ouro-pretano de Antonio Pereira em 1979. É porteiro na Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e tem uma sensibilidade peculiar na apresentação de seus textos. É casado com Márcia, que é a aguerrida diretora da Escola Municipal Alfredo Baeta e têm o filho Antônio, de 15 anos.

Suzane e Marcelo se encontraram no carnaval de Ouro Preto. Ela estava de férias e programou nesse período conhecer as maravilhas da cidade monumento mundial, sendo os festejos desse tempo, um dos motivos que a levou a escolher esse lugar. Já Marcelo pulava carnaval na rua São José quando a viu rumo ao hotel onde estava hospedada. Ele era da cidade de Itabira, a mesma cidade de Suzane.

Ela se espantou ao vê-lo, já que se encontravam periodicamente em Itabira, quando ela ia almoçar. Ele era o garçom do restaurante.

Ela aproveitou o encontro e curtiu o carnaval em sua companhia, porém quando descansava no hotel, levantou no seu íntimo algumas questões:

O fato de Marcelo não dizer que pretendia passar o carnaval em Ouro Preto, e hospedar no mesmo hotel, a deixou intrigada. Eram muitas as coincidências. Por que ele não disse nada?

Ela em plena folia, resolveu tirar isso a limpo. Sabatinou o rapaz sutilmente ao som da famosa Marchinha carnavalesca “Bandeira Branca,” composta pela dupla Max Nunes e Laércio Alves em 1922. Eternizada na voz de Dalva de Oliveira. Na atualidade cantada pelas multidões nos carnavais Brasil afora.

Marcelo respondeu todas as indagações de Suzane em poucas palavras:

— Estou aqui por que te amo.

Essas palavras soaram aos ouvidos de Suzane como a mais bela canção de amor.

O rapaz, porém, disse que quando estivessem em Itabira, contaria os pormenores de toda essa história.

A itabirana que queria conhecer Ouro Preto, era pura felicidade, aquela declaração de amor provocara um turbilhão de sensações.

Mas não falaram nada enquanto curtiam juntos o carnaval em Ouro Preto.

Na quarta feira de cinzas já estavam na terra de Drummond. Descansaram e marcaram encontrar-se no dia seguinte. Outro fato omitido por Marcelo era que também estava de férias. Ao saber disso, Suzane sugeriu ao moço um passeio até a cachoeira alta.

Era uma linda queda d’água de 110 metros localizada em Ipoema, distrito itabirano bastante visitado por causa das belezas naturais abundantes. Ela já conhecia muito da localidade, Marcelo havia estado lá uma única vez. Combinaram se encontrar em frente a igreja de Nossa Senhora da Conceição em Ipoema. Resolveram seguir a pé os 11 quilômetros até a cachoeira. Ela apenas o recomendou cautela quando lá chegassem, pois a cachoeira era muito funda.

Quando as casas do distrito ficaram para traz, foram surgindo uma paisagem de considerável beleza, e se aproveitando desse cenário, Marcelo começou a contar como se apaixonou por Suzane. Ela apenas ouvia.

— Sei que você é psicóloga e trabalha perto do restaurante onde sou garçom. Há alguns meses, dois funcionários pertencentes a mesma empresa que você, foram ao restaurante tomar café. Falavam de você, e um deles dizia-se receoso em procura-la.

Leu para o amigo, com os olhos na tela de seu celular uma pesquisa feita ali mesmo.

— “Os psicólogos usam de métodos científicos para compreender a psiquê humana e atuar no tratamento e prevenção de doenças mentais e melhorar sua qualidade de vida”.

Partilhava com seu colega ao lado o temor de que Suzane no exercício de suas competências, descobrisse segredos que não desejava revelar.

Nem fomentei entrar no mérito da questão, mas daí em diante comecei a prestar atenção em você quando estava almoçando, como fazia diariamente nos dias de trabalho. Você passou a ser uma novidade para mim, todos os dias eu tentava decifra-la, e nessa tentativa frenética eu ia te descobrindo. Eu sabia que era uma profissional conceituada, mas eu queria entender o porque dos medos daquele rapaz que tomava café e falava de você. O que eu ia desvendando eram coisas bem diferentes do que os amigos falavam na mesa do café. Minhas descobertas me levaram numa direção oposta ao plano inicial.

Suzane curiosa em saber sobre as descobertas de Marcelo, fez uma pergunta depois de percorrer boa parte do caminho em profundo silêncio:

— E o que foi que descobriu?

E o rapaz continuou:

— Acabei descobrindo uma linda mulher.

Eu começava a observa-la desde o primeiro momento em que meus olhos captavam sua imagem nas imediações do restaurante. Em alguns dias aparecia de cabelos amarrados, jeito de menina, moleca, desarmada e linda. Em outros, imponente, olhar compenetrado, altiva, soberana. Eu passei a desejar vê-la todos os dias, só para descobrir outras faces suas, cada uma mais linda que a outra. Fiquei meses te contemplando de forma contida sem deixar transparecer qualquer coisa que a fizesse não mais voltar ali.

Suzane continuava calada, seu semblante transparecia espanto e perplexidade. Ela não esperava ouvir coisa parecida. E a passos lentos e cadenciados avançavam na direção da cachoeira. Apenas as montanhas que os vigiavam, os pássaros, as borboletas, testemunhavam mais essa de amor.

E Marcelo continuou:

— Depois de tanto te observar, comecei a compreender que as pessoas lhe tiravam o direito de ser uma pessoa normal. Tinham o pensamento de que a psicologia te fazia imune a todas as coisas ou as tinham sobre total controle e não consideravam que em você aflorava os mais belos sentimentos. Barreira que impediu muita gente de enxergar a grande beleza que há em você.

Mas desculpe, não lamento tal coisa, pois se fosse diferente, não teria a oportunidade de viver o momento que vivo agora.

Eu, contrário ao que pensava as outras pessoas, te olhava além do seu olhar. E esse meu mergulho em saber-te, foi me preenchendo de ti a ponto de apaixonar-me perdidamente. Descobri por detrás da profissional Suzane, a mulher mais linda do mundo. Todos os dias eu ansiava pela hora do almoço, só para vê-la chegar. Eu me preparava para recebê-la quando vinha vindo. Respirava fundo, puxava o ar com toda a força, pois ameaçava findar.

Um sorriso começava a se desenhar em mim, era inevitável. Estava te amando.

Eu sabia muito de você, seu andar, sua voz, seu cheiro, e o sorriso mais lindo do mundo.

Quando já se aproximavam da cachoeira, Marcelo olhou para o lado, e viu Suzane com um sorriso pronto, ademais o rosto estava ruborizado e umedecido por lágrimas de emoção.

Suzane interveio subitamente e fez um breve comentário:

— Como não percebi essas coisas que aconteciam bem na minha frente?

E Marcelo prosseguiu:

— Tomei cuidado para que não percebesse, o anonimato era necessário para o sucesso do que eu tinha em mente. Esse cuidado me possibilitou te escanear por inteiro, e descobrir que naquele corpo lindo, tinha além de uma profissional da psicologia uma mulher capaz de amar, uma mulher dotada de sentimentos e razão, e sendo assim eu poderia tentar conquistar o seu amor. Era a conclusão que havia chegado.

O máximo que poderia acontecer era dar errado, foi então que me ocorreu aproximar de você e me esforçar para que se interessasse por mim.

Os relatos que Marcelo partilhava com Suzane tinha um enredo digno de uma produção hollywoodiana.

Eles não chegaram até a cachoeira. Suzane passou a soluçar de tanto chorar, Marcelo também mesmo contido nos gestos, não conseguia refrear o rio de lágrimas que brotava de seus olhos e passeava pela sua face.

Não estavam longe da cachoeira, mesmo assim decidiram voltar. Emoção e felicidade eram os sentimentos que os deixavam confusos e sem rumo.

Aproveitaram uma carona e retornaram ao simpático lugarejo.

Em frente a igreja de Nossa senhora da Conceição, já na área urbana de Ipoema, se despediram extremamente emocionados. O beijo de despedida teve um gostinho de lágrima, já que ambos haviam chorado intensa e silenciosamente. O abraço tinha uma fração do paraíso.

O próximo encontro ficou marcado para o sábado seguinte, em frente ao museu do tropeiro, lá aconteceria a roda de viola. Evento realizado sempre aos sábados de lua cheia. Embora não fosse essa a fase da lua, o evento seria realizado de forma extraordinária.

No sábado a noite Marcelo foi ao endereço de Suzane em Itabira e juntos se dirigiram a Ipoema para a roda de viola que aconteceria em frente ao museu do tropeiro.

Chegando lá, antes mesmo de sair do carro o rapaz pegou um embrulho no banco de traz e entregou a Suzane. Ela sorridente o abriu e encontrou outros três pequenos pacotes. Estavam numerados em sequência para que seguissem uma ordem ao serem abertos.

No pacote número um, tinha um envelope, e dentro uma frase:

“Você quer ser minha para Sempre”? ela sorriu e lhe deu um beijo demorado. Só depois respondeu que sim. O segundo invólucro era um objeto semelhante a uma caixa pequena, do tamanho de uma caixa de remédio, de um xarope por exemplo. Era uma caixa confeccionada em vidro e dentro dela uma minúscula flor. Era uma rosa pequena que ela certa vez esqueceu no restaurante sobre a mesa, e ele a guardou com todo carinho. E o último embrulho guardava uma foto emoldurada num porta retrato. Momento que eternizou durante o carnaval, quando ela passava bem no ponto onde a Rua Teixeira Amaral encontra com a Rua São José.

A essa altura Suzane já necessitava retocar a maquiagem, e o fez ali mesmo pelo espelho retrovisor. Depois foram para a roda de viola. Os violeiros sem saber dessa mágica história de amor, mas percebendo a felicidade estampada no rosto do casal de namorados, ofertaram uma “moda” e os convidaram a dançar.

No ouvido de Suzane ao som de uma moda de viola em acordes românticos, Marcelo sussurrou:

— Foi por isso que fui ao carnaval de Ouro Preto. Fui lá encontrar você. As coincidências nunca existiram, meus passos foram na sua direção. Ao saber que estaria lá, me programei para estar também. Apostei tudo naquele carnaval, e a magia ouro-pretana, que me invadiu através do vento, somadas as inexplicáveis sensações presentes e impregnadas em cada canto, conspiraram a meu favor e não tinha como dar errado.

E naquele mesmo embalo Suzane também lhe falou em sussurros ao pé do ouvido:

— A rosa que deixei sobre a mesa no restaurante, não foi esquecida, mas deixada propositalmente para ser encontrada pelo garçom mais lindo do mundo.

Depois da roda de viola a vida seguiu seu curso, e Suzane era só felicidade, a rotina foi retomada e todos os dias Marcelo deixava uma rosa na mesa de Suzane enquanto ela almoçava.